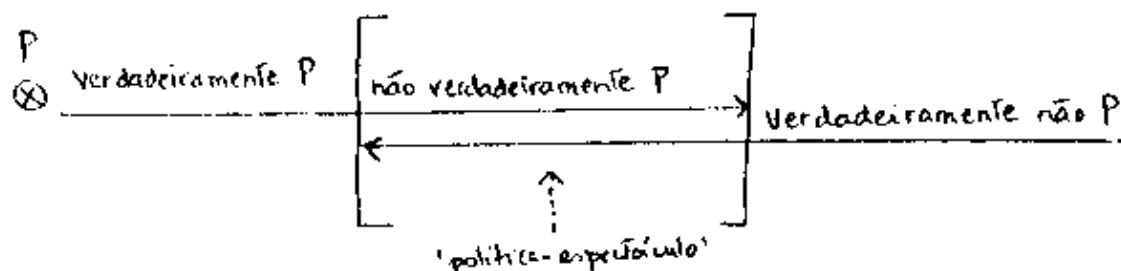


REPRESENTAÇÃO NOCIONAL E ARGUMENTATIVIDADE

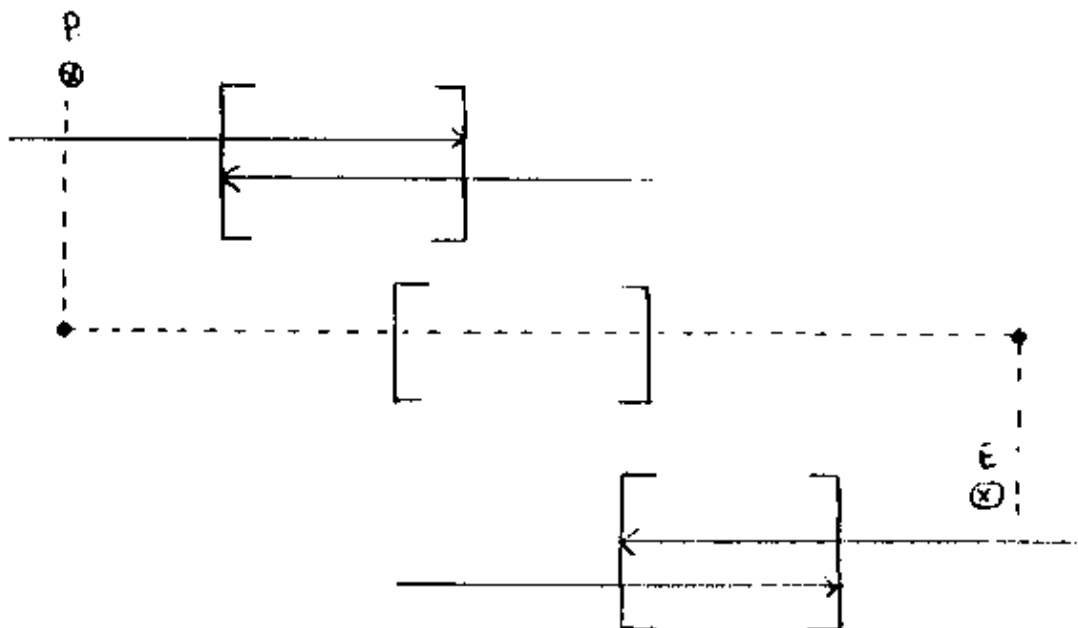
Num tempo de antena em período de campanha eleitoral, um responsável político acusava o adversário de, tendo anunciado ser contra a política-espectáculo, ter vindo depois fazer espectáculo sem política.(1)

Se as palavras reenviam para noções primitivas - que tanto na perspectiva de Culioli, a quem se deve a noção, como na de uma lógica natural, proposta por Grize e desenvolvida no quadro de investigações ligadas ao Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel, são entendidas como sistemas de representações físico-culturais anteriores à categorização em língua - bem podemos interrogarmo-nos sobre a ocorrência de uma fórmula como 'política-espectáculo'.

Segundo Culioli, um domínio nocional constroi-se em função do centro organizador que define um valor prototípico, ou o mínimo de acordo entre os interlocutores. Poderia então dizer-se que, embora afastando-se do valor tipificado, a fórmula em causa permanece no espaço (fronteira) do domínio nocional orientado em função desse mesmo centro. A expressão seria assim parafraseável como [algo que não sendo exactamente política, ainda é política, ou não é não-política].



A manifesta insuficiência desta paráfrase prende-se com a incapacidade de dar conta da proximidade a que, na fórmula em questão, se vêm submetidas as noções que evocam as unidades lexicais 'política' e 'espectáculo', separadamente. A semelhança do que se passa no caso de antónimos, parece estabelecer-se um duplo movimento, orientado em função de dois centros organizadores. De facto, um enunciado verosímil ou comum como [isto não é política, é espectáculo] sugere que, através da prática discursiva, unidades lexicais como 'política' e 'espectáculo' se vejam dotadas de uma relação de tipo antonímico - ou aproximadas as noções que evocam. Por outro lado, a probabilidade de ocorrências linguísticas que, a serem entendidas como [não verdadeiramente política] ou [não verdadeiramente espectáculo], nada tenham a ver, no entanto, com a noção de 'espectáculo' ou com a noção de 'política', poderá mostrar o equilíbrio instável em que se sustentam tanto o "tecido nocional" como a organização linguística - ora sujeitos à separabilidade de noções ou termos, ora permissivos ao seu relacionamento.



O que a fórmula 'política-espectáculo' parece também susceptível de ilustrar é o carácter potencialmente estruturante daquele relacionamento: se for possível mostrar, como julgamos, que o espaço, na fronteira dos domínios nocionais de 'política' e 'espectáculo', é também ele centrado, poder-se-á falar de uma noção - posterior, relativamente às noções primitivas evocadas pelas unidades lexicais 'política' e 'espectáculo', e anterior, relativamente à sua representação sob forma linguística.(2)

Presta-se a isso o fragmento de discurso referido no início, onde se observa uma "primeira" ocorrência linguística de 'política-espectáculo', situada ao nível do acto enunciativo encaixado - ou, para simplificar a análise, ao nível do discurso citado ("[ser] contra a política-espectáculo"). A admitir, na sequência de Culioli, que o determinante definido marque uma operação de fléchage ou re-identificação, aquela ocorrência terá de ser encarada, do ponto de vista da descrição metalinguística, como não primeira. Pouco interessará, no entanto, procurar localizar o antecedente linguístico - provavelmente disperso, se assim se pode dizer, nos discursos em circulação. Importa antes sublinhar como a apreensão empírica e cognitiva dos factos (a entender aqui apenas como feitos) se representa sob forma linguística - qualquer que tenha sido a sua mais recuada ocorrência.

Nessa forma designatória poderá ver-se, em primeiro lugar, um afastamento do valor prototípico de 'política'. Mas nela se revela já um processo de tipificação, atestado por fenómenos de reprise - a entender não tanto como reprise co-referencial (pelo menos stricto sensu), mas como actualização da classe de ocorrências abstractas, construída em função do centro organizador 'política-espectáculo'.

Uma fórmula como 'política-espectáculo' parece então susceptível de mostrar dois estádios, tanto de representação nocional como de integração linguística (sistémica):

- . o da expressão linguística de ocorrências fenomenais, através de uma fórmula que se pode dizer original e localizada mas que é já, em si mesma, indício de uma noção, pelo menos parcialmente construída;
- . o do uso reiterado dessa mesma fórmula nos discursos em circulação, através do qual tanto se manifesta a representação nocional como se processa a estabilização da representação linguística que a reflecte.

O caso poderá servir para ilustrar a possibilidade, que o próprio Culioli diz curiosa, de se construir a noção através das ocorrências da noção. Do ponto de vista estritamente linguístico, porém, parece conveniente distinguir o fenómeno de estabilização apontado de uma eventual fixação lexical. Poderia talvez sugerir-se estar ela dependente, neste caso, da evolução do que Gilles Lipovetsky chamou "a era do vazio". Mas mais importante do que fazer cálculos sobre a esperança de vida da fórmula, será constatar como se reveste, hic et nunc, de um valor linguístico - no sentido saussureano do termo, mas circunstanciado. Pelo que parece ter de se levar em conta a instabilidade a que se presta o sistema linguístico -ou o interesse de insistir na noção de sincronia em termos de estabilidade dinâmica.

Que o sistema linguístico (como o tecido nocional) se possa ver, mais do que num estado de equilíbrio, num processo constante de equilibração, mostra-o ainda o reflexo que uma expressão recente (ou uma jovem noção) imprime à organização linguística e nocional.

Para explicar o fenómeno, importa sublinhar que uma noção não se confunde com o que se possa entender por representação social - que aceitaremos aqui, de acordo com GRIZE 1990:114, ser a forma como os indivíduos falam das experiências e as "teorizam", podendo aceder a um estágio de pensamento constituído a condicionar comportamentos (práticos e lingüísticos), isto é, adquirir um estatuto de pré-construído.

Que a representação social de 'política-espectáculo' se possa considerar em elaboração (a fixar-se ou não), mostram-nos dois usos específicos da fórmula, colhidos ao acaso: "[ser] contra a política-espectáculo", no fragmento de discurso já referido, e "As virtudes da política-espectáculo", título de um artigo de opinião publicado num jornal diário, cerca de uma semana mais tarde e ainda em tempo de campanha eleitoral.

Mais do que na formação de pontos de vista até contrários, a elaboração da representação social de uma fórmula nova consiste em fazer partilhar, ou fazer passar por partilhado, um ponto de vista individual ou de grupo - isto é, em torná-lo ou apresentá-lo como socialmente dominante. O que no entanto parece significativo, para o aspecto que nos ocupa, é, por um lado, a assimetria que se estabelece entre a representação lingüística, estabilizada, e a representação nocional, sujeita a ponderação valorativa; por outro, a (re)ordenação sistémica que essa mesma ponderação propõe:

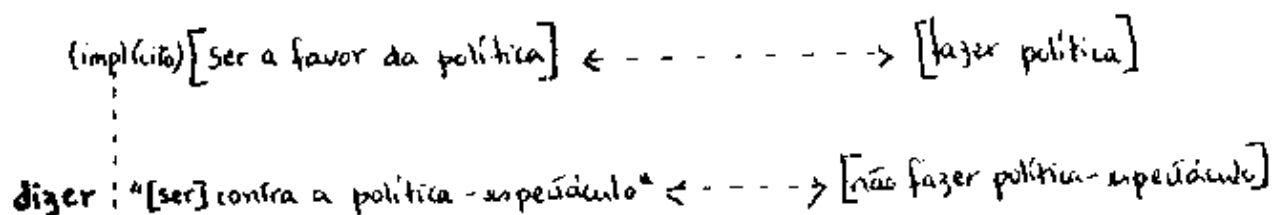
no caso de "[ser] contra a política-espectáculo", valoriza-se a noção de 'política', implicitamente evocada, em detrimento da noção de 'política-espectáculo' - o que sugere a possibilidade antonímica de "política" e "política-espectáculo" (verdadeiramente política / verdadeiramente política-espectáculo);

- em "As virtudes da política-espectáculo", a carga positiva de que se vê investida a noção de 'política-espectáculo' aponta a tendência para ser reaborvida pela noção de 'política' (3) - a exprimir-se num relacionamento de tipo hipó-hiperonímico de valores linguísticos.

Parece oportuno relacionar o feixe de topoi ou princípios argumentativos gerais que Ducrot e Anscombe consideram associados às palavras com as representações, socializadas ou não, de uma noção - e, em particular, verificar até que ponto um topos pode ser, mais do que um princípio argumentativo efectivamente associado à palavra e partilhado no seio de uma comunidade, um movimento argumentativo susceptível de ser seguido (compreendido) numa situação de interlocução. É o que talvez possa mostrar a análise da sequência discursiva de que partimos.(4)

Se alguém que diz "[ser] contra a política-espectáculo" se propõe à interpretação de ser a favor da política (a entendê-la, de acordo com as noções de gradient e haut degré postuladas por Culioli, ao mais alto grau de identificação com o centro, isto é, verdadeira política), poderá dizer-se que a acusação ou, se se quiser, o objectivo discursivo, consiste em mostrar a oposição entre o dito-implícito e o feito. Mas a força da acusação assenta num duplo mecanismo:

- o que, nas circunstâncias de campanha eleitoral que poderão considerar-se genericamente definidas, converte a relevância do dizer em imagem reflexa do fazer:



. e o que anula a relevância do dizer, opondo a **imagem do fazer** ao **fazer de facto** - isto é, a imagem do fazer proposta pelo discurso do interlocutor-acusado à imagem que o interlocutor-acusador tem do facto.

enunciador
(acusado) ----- imagem [fazer política]

enunciador
(acusador) ----- (imagem)facto "fazer espectáculo sem política"

Se a expressão "espectáculo sem política" exhibe (de uma forma que diríamos quase invulgar) não ser um facto mais do que aquilo que discursivamente se propõe como imagem do feito, é porque se espera dela um específico - e talvez inequívoco - efeito argumentativo.

Esse efeito começa por se construir a partir das possibilidades associadas ao **fazer** - discursivamente limitadas, já pelas características genéricas da situação, e sobretudo pela sequencialidade discursiva, a esta belecer-se em função da apropriação, por parte do acusador, da fórmula 'política-espectáculo'. Vistas em relação paradigmática, ordenada entre polos opostos, a escolha reduzir-se-ia no entanto, para o acusador, às duas possibilidades mais próximas do polo "espectáculo" (as duas únicas susceptíveis de serem identificadas com o centro organizador 'espectáculo'):

... "política-espectáculo" ... (fazer)

política
política sem espectáculo
política com espectáculo
espectáculo com política

espectáculo sem política
espectáculo

Que o termo limite ("espectáculo") não seja o escolhido, como pareceria provável, é porque ele podia ser interpretado como [espectáculo com política] - interpretação essa que, por ser também paráfrase possível de "política-espectáculo", não asseguraria o efeito argumentativo pretendido (5). A expressão "espectáculo sem política" é assim a escolha que se impõe como necessária - impedindo uma interpretação indesejada (de "espectáculo" como [espectáculo com política]), ao mesmo tempo que assegura a sua própria interpretação como [espectáculo] (isto é, puro espectáculo).

A contenção da sequência em figura de quiasmo (articulada, também ela, sobre a referida paráfrase da fórmula, mais do que sobre a própria fórmula), bem pode mostrar o interesse de estudar uma tal competência retórico-discursiva.

Notas

(1) Mesmo não dispondo do texto efectivamente produzido, julga-se ter o registo espontâneo preservado o encaixe de actos enunciativos e a sequencialidade que configuram a sequência - que por isso se considerará passível de análise.

(2) Essa anterioridade, característica das noções, prende-se com a distinção que estabelece Culioli entre ocorrências fenomênicas e ocorrências linguísticas: enquanto as primeiras, da ordem do empírico, estão na génese de uma noção (moldando-a), as segundas reflectem-na, manifestam-na.

(3) Coloca-se, a este propósito, a necessidade de pensar a estruturação de um domínio nocional: relação entre tipos e prototipo, entre tipos e estereotipo, entre prototipo e estereotipo.

(4) Cf. nota (1).

(5) O efeito reduzir-se-ia então a ostentar a equivalência entre aquilo de que se disse ser contra e o feito - em vez de estabelecer, pela oposição entre o dito e o feito, a força argumentativa que cabe ao feito.

Bibliografia

- ANSCOMBRE, J.-C., DUCROT, O. (1986), "Argumentativité et informativité" in M. Meyer (ed.), De la Métaphysique à la Rhétorique. Essais à la Mémoire de Chaïm Perelman (...), Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles, 79-94.
- CULIOLI, A. (1981) "Sur le concept de notion", Bulletin de Linguistique Appliquée et Générale 8, Université de Besançon, 62-79.
- _____ (1985), Notes du Séminaire de D.E.A. 1983-1984, Université de Paris VII
- _____ (1989), "Representation, referential processes, and regulation. Language activity as form production and recognition", Language and Cognition, Fondation Archives Jean Piaget, Cahier n° 10, Genève, 97-124.
- DUCROT, O. (1987), "Sémantique et vérité: un deuxième type de rencontre", Recherches Linguistiques de Vincennes 16, 53-63.
- GRIZE, J.-B. (1990), Logique et Langage, Paris, Ophrys
- LIPOVETSKY, G. (1988), A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo, Lisboa, Relógio d'Água